



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

---

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
<a href="#">Guilherme Carrozza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8071924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
<a href="#">Vanderlei Antonio Bachega Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
<a href="#">Adão Fernandes Lopes</a>	
<a href="#">Denise Dias de Carvalho Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
<a href="#">Fernanda Luzia de Almeida Miranda</a>	
<a href="#">Tuise Brito Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
<a href="#">Rosangela Maria Laurindo Fornasier</a>	
<a href="#">Tatiana Iegoroff de Mattos</a>	
<a href="#">Fernanda Landucci Ortale</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
<a href="#">Ana Clara Vieira da Fonseca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
<a href="#">Bianca Cardoso Batista</a>	
<a href="#">Vagner Bozzetto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
<a href="#">Cristiane Wosniak</a>	
<a href="#">Rodrigo Oliva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240416</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>187</b>
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>212</b>
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240423</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>254</b>
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>264</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>285</b>
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>291</b>
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>304</b>
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>

## O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”

**Alexandre Silva Wolf**

Universidade Tuiuti do Paraná / FAE Centro  
Universitário

**RESUMO:** O diálogo intertextual é uma prática comum no cinema contemporâneo. A intertextualidade foi enunciada por Julia Kristeva, com base nos estudos de Mikhail Bakhtin, e em seus estudos fez aproximações entre a literatura e outras manifestações comunicacionais. Harold Bloom, a partir de estudos sobre a influência poética, nos apresentou o conceito da intratextualidade, onde dois ou mais textos, de um mesmo autor, se interpenetram e influenciam um ao outro, gerando uma “Relação Intrapoética». O cineasta Woody Allen apresenta em sua obra os mais diversos diálogos intertextuais. Em seu filme «Alice»(1990), ele dialoga claramente com o conto infantil de Lewis Carroll e, alguns anos depois, em «Blue Jasmine»(2013), ele dialoga com a dramaturgia de Tennessee Williams. Em seu último filme, «Wonder Wheel» (2017), ele nos apresenta um diálogo que pode ser entendido como intratextual relacionado aos dois filmes anteriores. Esse trabalho busca realizar esta análise, apresentando a intratextualidade além do diálogo do autor com ele mesmo, mas sim como uma forte fonte de criação, provando ser uma ferramenta de consolidação poética

dentro do cinema.

**PALAVAS-CHAVE:** Cinema, intertextualidade, intratextualidade.

**ABSTRACT:** Intertextual dialogue is a common practice in contemporary cinema. The intertextuality was enunciated by Julia Kristeva, based on the studies of Mikhail Bakhtin, and in her studies made approximations between the literature and other communicational manifestations. Harold Bloom, from studies on poetic influence, presented us with the concept of intratextuality, where two or more texts, from the same author, interpenetrate and influence one another, generating an “Intrapoetic Relationship.” in his work “Alice” (1990), he talks clearly with Lewis Carroll’s children’s story and, a few years later, in “Blue Jasmine” (2013), he dialogues with the dramaturgy of Tennessee Williams In his last film, Wonder Wheel (2017), he presents a dialogue that can be understood as intratextual related to the two previous films. This paper seeks to carry out this analysis, presenting the intratextuality beyond the dialogue of the author with him but rather as a strong source of creation, proving to be a tool of poetic consolidation within the cinema.

**KEYWORDS:** Cinema, intertextuality, intratextuality.

## 1 | INTRODUÇÃO

Contemporaneamente é comum percebermos a presença de diálogos intertextuais em diferentes obras cinematográficas. Diversos são os estudos nessa área repleta de possibilidades pois, cada análise realizada representa um novo foco talvez anteriormente não percebido. Isto se dá pela possibilidade do diálogo intertextual acontecer a partir do referencial daquele que lê um objeto. Sendo assim, os estudos desta área tendem a um enorme grupo de resultados, rico e sempre diverso. Esses estudos podem ser realizadas imageticamente, através das diversas linhas narrativas de um filme ou mesmo a partir de similaridades apresentadas no ofício da construção de uma obra audiovisual.

Nesse estudo pretendemos analisar três obras cinematográficas do diretor e roteirista Woody Allen: “Alice” (1990), “Blue Jasmine” (2013) e “Wonder Whell” (2017). As duas primeiras obras mantêm uma perspectiva dialógica intertextual com obras literárias e a terceira apresenta, assim entendemos, uma relação intratextual com aquelas primeiras. Nossas análises estarão voltada para as questões narrativas, principalmente a construção das personagens protagonistas femininas de cada filme e, para esse intento, utilizaremos os conceitos oriundos da crítica literária para realizá-las. Para tanto, necessitamos de um retorno a alguns desses conceitos que, em geral baseiam estes estudos na área de cinema.

## 2 | A INTERTEXTUALIDADE, A INTRATEXTUALIDADE E A POÉTICA

A Intertextualidade nos foi apresentada como conceito na década de 1960 por Julia Kristeva, filósofa e crítica literária búlgara, a partir dos estudos sobre o dialogismo e polifonia de Mikhail Bakhtin, que na década de 1920 foi líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por um grupo de estudiosos russos, que ficou conhecido como o “Círculo de Bakhtin”. Os estudos de Kristeva eram focados na intertextualidade presente em obras literárias e hoje este conceito é utilizado vastamente para os estudos cinematográficos (STAM, 2003).

A partir de Kristeva e relacionando-a com Laurent Jenny, entende-se que: “intertextualidade designa o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador que detém o comando do sentido” (JENNY, 1979, p. 14). Este diálogo entre textos pressupõe um universo cultural bastante amplo e complexo, implicando numa identificação e reconhecimento de alguns enunciados já conhecidos. Para que haja o fenômeno da intertextualidade, os contextos nos quais as obras se apresentam devem ser compartilhados entre o produtor e o receptor desses textos. Sendo assim, a intertextualidade é a percepção da presença de um discurso anterior eu um posterior, ou seja, o encontro de elementos, traços significativos de uma obra em outra.

Gérard Genette (2006) define a intertextualidade como um palimpsesto, um

hipertexto, onde todas as obras são derivadas de uma obra anterior, por transformação ou imitação, dando origem a o termo transtextualidade.

...este objeto é a transtextualidade, ou transcendência textual do texto, que definiria já, a grosso modo, como “tudo que coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos. A transtextualidade ultrapassa então e inclui a arquiteitualidade, e alguns outros tipos de relações transtextuais.... (GENETTE, 2006, p.11)

Tendo também como objeto os estudos literários, Harold Bloom, em seu livro “A Angústia da Influência” (2002), demonstrou como a práxis da poesia ao longo dos séculos renovou sua escrita a partir da tentativa dos poetas em afastarem-se da influência de poetas anteriores a eles. Bloom apresenta a mecânica onde o poeta efebo se aproxima de uma tradição, e, ao mesmo tempo, por afastamento de seus precursores busca um novo caminho transgredindo o espaço entendido como tradicional. A partir desse movimento dialógico cria novos formatos que algum tempo depois poderão ser compreendidos como parte de uma novo modelo dando início a um novo processo.

... poetas fortes quando enfrentam a tradição, quando enfrentam aos seus precursores ou antecessores, aos quais “roubam”, saqueiam, mas também transfiguram ou recriam. (BLOOM, 2002, p.128)

Partindo da mesma análise, Bloom identifica a possibilidade do poeta, em determinado momento de sua história criativa, voltar-se para si mesmo. Nesse momento, há um descolamento da interferência provocada pela tradição e pela individualidade desse ou daquele poeta precursor para uma tentativa de construção própria.

Como os homens se tornam poetas, ou adotam um fraseado antigo, como se encarna o caráter poético? Quando um poeta em potencial descobre (ou é descoberto por) a dialética da influência, descobre a poesia como sendo ao mesmo tempo interna e externa a si mesmo, inicia um processo que só acaba quando não mais tiver poesia dentro de si, muito depois de ter o poder (ou o desejo) de redescobri-la fora de si. (...) Pois o poeta está condenado a aprender seus mais profundos anseios através da consciência de outros eus. (BLOOM, p.75, 2002)

Este modelo pode ser compreendido como uma proposta intratextual, onde o novo poeta atende aos seus impulsos internos na construção de obras que parecem repetir uma mesma proposta porém identificada apenas como mote inicial da geração de novos processos poéticos.

A repetição como recorrência de imagens de nosso passado, imagens obsessivas contra as quais nossas afeições atuais lutam inutilmente (...) a repetição, mas com uma inversão de significado consciente. No isolamento de uma ideia do seu investimento emocional original, a repetição também continua sendo dominante. (BLOOM, p.128, 2002)

Cabe ainda, nesse breve aprofundamento teórico, tratarmos sobre o entendimento do desenvolvimento de uma poética, o que permitiria esses diversos diálogos inter

e intratextuais de um mesmo poeta/autor. A partir disso, tentamos entendemos poética como o estudo das obras artísticas, colocando em foco as narrativas, buscando esclarecer suas características gerais, sua literalidade, permitindo assim o entendimento da construção de outras obras de um mesmo artista. Ainda podemos entendê-la como um ato poético em si, a partir de uma ressignificação semântica de alguns elementos, dentro de um contexto, que possam ser aplicados em outros objetos onde se apresentam ressignificados, em relação a um valor já atribuído, originando novos sentidos.

O discurso do poeticista não gozará jamais de outra autonomia que não seja relativa, de vez que aparece e se inscreve num universo discursivo já existente, assaz complexo, e em que seu lugar só se define pela relação com os de outros tipos de discurso. (TODOROV, p.120, 1974)

Apesar de não ser normativa, a poética tende a operar implícita ou explicitamente na criação artística. O processo é ligado ao imaginário, sendo a atribuição de significados uma constante. Por outro lado, essa noção de poética como possibilidade de proposição feita por um artista, se relacionaria ao projeto de formação de um conjunto de peças de uma determinada obra, que nos apresentariam estilemas que poderiam distinguir um autor de outro.

### **3 | O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL EM WOODY ALLEN**

O diretor e roteirista do cinema norte-americano, Woody Allen, tem uma carreira desenvolvida dos anos 60 até a atualidade. Sua obra apresenta os mais variados gêneros cinematográficos, mais comumente a comédia e o drama. Conta hoje com 52 filmes e, anualmente, aos 82 anos, apresenta uma nova obra a cada ano. O diálogo intertextual é uma constante nos seus roteiros e filmes produzidos. A sua obra traz características estilísticas e nos permite um entendimento de uma proposta poética a qual pretendemos analisar nesse artigo.

Em 1990, Allen nos traz a cena o filme “Alice”. Alice Tate, interpretada pela atriz Mia Farrow, é uma mulher de alta classe que vive em função de seu marido rico e dos filhos. Passa seus dias entre compras, salões de beleza e trocando futilidades com suas amigas de seu convívio social. Uma tarde, ao buscar seus filhos na escola, ela se interessa por um dos pais de outra criança, Joe, um músico divorciado. Isso desestabiliza o universo criado para essa personagem que até então parecia alheia a tudo ao seu redor.



Imagem 1 - Frame do filme "Alice"

Por conta de uma dor nas costas, ela procura um médico chinês, Dr. Yang, que começa a tratá-la não fisicamente mas sim emocionalmente. Ele lhe dá algumas ervas que a fazem perder a inibição e lhe causam estranhos efeitos.



Imagem 2 - Frame do filme "Alice"

A comédia continua com Alice, mais desinibida, em busca de um amor fora do casamento. Utilizando-se dos remédios prescritos pelo médico chinês ela consegue ficar invisível, voar e até se comunicar com espíritos. No meio de toda essa confusão, a personagem passa a se conhecer melhor e, começa uma nova relação com tudo e todos que a cercam. Por fim ela toma uma decisão que muda completamente o rumo de sua vida.



Imagem 3 - Frame do filme "Alice"

Toda a narrativa de “Alice” poderia nos apresentar uma percepção de um diálogo intertextual imediato com outra Alice, a de Lewis Carrol em “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”. Apesar da diferença de idades das protagonistas, o padrão social, a necessidade de fuga o ambiente em que elas vivem e as personagens secundárias podem nos levar a um estreitamento dessas comparações. O músico, que passa rapidamente pela vida da mais madura, parece-se muito com o coelho que muito apressado joga a mais jovem num buraco sem fundo, conexão com um mundo irreal. O médico chinês, com suas ervas mágica poderia nos lembrar a lagarta, que envolta numa nuvem de fumaça inebria a jovem Alice com suas palavras e des-orientações. Seria cabível aqui entender esse um dos possíveis diálogos dessa narrativa proposta por Allen nesse filme.



Imagem 4 - Frame do filme “Blue Jasmine”

Caminhando um pouco mais em nossa análise, entramos em outra produção de Allen, um pouco mais atual. Passaremos a tratar sobre o filme “Blue Jasmine” de 2013. Janette, que se autodenominou como Jasmine, é vivida nesse filme pela atriz Cate Blanchett, é uma socialite de Manhattan, casada com um empresário do setor de finanças que é preso por corrupção, perdendo com isso toda a sua fortuna. O elemento chave dessa narrativa é justamente a mudança social enfrentada por Jasmine, saindo de seu mundo rodeado pelas frivolidades da riqueza para o enfrentamento da vida real longe dos favores que só o dinheiro pode comprar.



Imagem 5 - Frame do filme “Blue Jasmine”

Sem onde morar, ela se obriga a procurar sua irmã de criação, Ginger, que mora em São Francisco. A vida da irmã não é nada luxuosa, muito menos as companhias com quem ela anda. Para piorar as coisas, a irmã possui um noivo, atraente porém grosseiro, que mexe com os sentimentos de Jasmine. Eles não se atraem fisicamente porém possuem pensamentos e sentimentos totalmente contraditórios, deixando Ginger perdida em relação a sua própria vida.



Imagem 6 - Frame do filme “Blue Jasmine”

Como fuga de sua atual situação, Jasmine começa a frequentar festas promovidas por pessoas de uma melhor condição financeira que a sua atual. Ela está na verdade procurando um pretendente que a leve de volta aos resultados de uma vida luxuosa. Ela consegue encontrar esse homem e para conquistá-lo esconde sua real situação. No momento em que ele descobre os segredos de Jasmine, volta atrás em relação às suas intenções de casar com ela. Jasmine acaba só e em delírio, sentada em uma praça, acompanhada por uma desconhecida.

Mais uma vez, Woody Allen dialoga com a literatura, porém agora com o teatro, a partir da obra de Tennessee Williams. O dramaturgo, também norte-americano, escreveu em 1947 a peça intitulada como “A Streetcar Named Desire”. Nesse texto conhecemos a personagem Blanche DuBois, uma jovem decadente, que a partir de fantasias, busca encobrir a sua realidade para si mesma e para os outros. Nela também encontramos Stanley Kowalski, marido de sua irmã, Stella. A relação entre Blanche e Kowalski é conflituosa e acaba criando muita confusão na vida da irmã da jovem, chegando ao extremo de um estupro. Blanche enlouquece e acaba em uma instituição para tratamento mental, sendo atendida por estranhos. Nota-se mais uma vez a possibilidade de Allen ter dialogado intertextualmente com a obra anterior a criação de seu roteiro original.

Baseado nas duas narrativas anteriores, acreditamos ser possível, dentro de uma proposta poética, o diálogo intratextual realizado por Woody Allen na construção de seu último filme “Wonder Wheel” de 2017. A construção da personagem Ginny, vivida pela atriz Kate Winslet, apresenta características dialógicas com as personagens Alice e Jasmine. A personagem do último filme vive entre dois mundos, a realidade de seu

casamento com o operador de um carrossel e, a juventude do guarda-vidas da praia de Coney Island, que enche de alegria o verão da atriz frustrada.



Imagem 7 - Frame do filme “Wonder Wheel”

Ginny vive com seu segundo marido em um apartamento situado dentro de um parque de diversão. Ela tem um filho que tem uma fixação por fazer fogueiras. Sua rotina, entre o marido, o amante, o filho e a lanchonete onde trabalha, é transformada a partir do momento em que sua enteada aparece pedindo ajuda para fugir de seu marido, que tem ligações com a máfia. Ginny está apaixonada pelo salva-vidas bem mais jovem que ela e estudante de dramaturgia. O rapaz conhece a jovem enteada de sua amante e logo se apaixona por ela. A atriz-garçonete se perde entre a sua realidade, o passado como atriz e o futuro que indica a rotina de uma solidão acompanhada.



Imagem 8 - Frame do filme “Wonder Wheel”

Tendo em vista a proposta conceitual de Bloom sobre a intratextualidade, podemos perceber a possibilidade desse diálogo realizado por Allen na construção tanto da narrativa quanto da personagem principal do melodrama. A narrativa apresenta dois ambientes que se chocam provocando a desestabilidade da protagonista. O diretor enaltece esse efeito proposto no roteiro através de uma fotografia de alto contraste separando a dureza da realidade versus a alegoria do parque de diversões onde as

fantasias acontecem. A protagonista agoniza entre esses dois mundos, repetindo as narrativas das protagonistas dos dois filmes analisados até aqui.



Imagem 9 - Frame do filme “Wonder Wheel”

Woody Allen promovendo esse movimento dialógico, intratextual, transgredindo seu próprio espaço, cria novos formatos que são compreendidos como parte de seu modelo poético. Ao se voltar para si mesmo, repetindo, criando novas personagens que dialogam com suas criações anteriores apresenta na realidade a sua construção própria. Dessa forma ele atende seus impulsos internos, aparentemente repetindo uma mesma proposta mas na realidade apresentando novos processos poéticos.

#### 4 | CONCLUSÕES

A poética de Woody Allen é construída por meio de diversos diálogos com vários elementos da cultura contemporânea. É possível perceber a partir de inúmeras análises que o diretor e roteirista busca dialogar com a literatura, com o teatro, com a música, com outros diretores, períodos estéticos, períodos da história do cinema e até com ele mesmo na busca da criação de suas peças fílmicas. Na construção de suas narrativas ele se apropria de elementos constituintes de outras narrativas e, em determinados momentos, esse modo de agir acaba apresentando sua genialidade como criador ao saber conjugar esses diálogos transformados em sua voz artística.

Na continuidade da construção de sua poética, o diretor/roteirista dialoga consigo mesmo, atualizando elementos criados anteriormente, propondo novas formas através de um diálogo intratextual, criticando e ao mesmo tempo elaborando um refinamento dos seus processos criativos. Esse agir poético é extremamente potente e dá origem a obras repletas de significados e completamente originais, onde o próprio criador cria novamente, recriando e dando forma a novas peças artísticas audiovisuais que refletem a suas características individuais.

## REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **A angústia da Influência: uma teoria da poesia**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos – A Literatura de Segunda Mão**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Imago: Rio de Janeiro, 1991.

JENNY, L. **A estratégia da forma. Poétique**. Trad. Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e Poética**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.

Filmes:

ALLEN, Woody. **Simplesmente Alice**. (Alice, 1990). Manaus: Sony DADC, 2011.

ALLEN, Woody. **Blue Jasmine**. (Blue Jasmine, 2013). Manaus: Rimo, 2014.

ALLEN, Woody. **Roda Gigante**. (Wonder Whell, 2017). Manaus: Rimo, 2018.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-280-7

